

O diálogo possível em entrevistas midiáticas: a evidência da experiência social na circularidade da relação

The possible dialogue in media interviews: the evidence of social experience in the circularity of the relationship

Thales Vilela LELO¹

Marta Regina MAIA²

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Este artigo visa contribuir para os estudos da entrevista, a partir do destaque do processo comunicativo e da experiência social como pontos cruciais para debater as relações entre entrevistador-entrevistado. Serão elucidadas configurações da pragmática da comunicação, e esquadrihadas considerações sobre o *self* na ação conjunta. Ao final, pretende-se situar a entrevista enquanto encadeamento complexo das ações dos atores sociais.

Palavras-chave

Entrevista ; *self* ; dialogia ; experiência; comunicação

ABSTRACT

This paper seeks to contribute to studies about interview, from the emphasis of the communicative process and the social experience as key elements to discuss relations between the interviewer-interviewee. Will be elucidated pragmatic communication settings explored in the interview, and scan nuances of social experience, making considerations on the self in together action. In the end, it intends to standing the interview as a complex chain of actions of social actors.

Keywords:

Interview; self; dialogism; experience; communication

Introdução

Este artigo toma como ponto de partida os trabalhos sobre entrevista escritos por Edgar Morin (1973) e complementados por Cremilda Medina (1995), tendo em vista compreender a entrevista realizada nos meios de comunicação enquanto parte de um

¹ Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, estudante do 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e-mail: thales.lelo@hotmail.com.

² Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFOP. É doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: marta@martamaia.pro.br

processo relacional e circular, resgatando a proeminência também do entrevistado como agente ativo no *acontecer* da interação e responsável por sua modelagem. Envolvidos num jogo de trocas simbólicas, considerar-se-á os agentes da entrevista como aportados por um leque de conhecimento sobre modos de fazer e agir com o outro, que se concretizam na relação através de um intercâmbio rico de gestos simbólicos que transcendem a instância verbal, encadeando as ações uns dos outros e atualizando constantemente as condutas habitualmente assumidas. Seja em contatos pretensamente dialógicos ou não, em situações mediadas ou face-a-face, propõem-se que as nuances da experiência social exerçam fundamental função nos modos disponíveis de *fazer com* destes sujeitos. Porém, antes de desbravar estas trilhas, torna-se capital pinçar inicialmente algumas das reflexões realizadas pelos dois autores que são as bases de sustentação deste estudo.

Compreender as configurações das entrevistas realizadas nos *mass media* foi um dos pontos-chave de um trabalho que ainda conserva sua contribuição para o mundo acadêmico, por oferecer uma consistente tipologia para a compreensão das possibilidades de interação ‘entrevistador-entrevistado’, presentes nos meios de comunicação do final da década de 60 e início da de 70. Por isso, o texto *A entrevista nas ciências sociais e na radiotelevisão* (1973), escrito por Edgar Morin, é ainda extremamente utilizado como referência para um conjunto amplo de estudos do campo jornalístico que tangenciam os meandros da entrevista³.

Para o autor, na entrevista, diferentemente das conversas cotidianas, o foco aparentemente principal é o conteúdo informativo da fala do ator social entrevistado. Todavia, em diversas situações, tanto no domínio das Ciências Humanas quanto no das interações efetivadas nos *media*, a interação ultrapassa este propósito inicial, se estendendo rumo a um interesse pela relação psicoafetiva em si. Este fenômeno acontece porque, ainda que pautado por interesses profissionais, a entrevista não deixa de integrar a comunicação humana, que notadamente transcende em muito a mera transmissão maquinal de informações. Neste estágio, enquanto fator de socialização que agrega indivíduos isolados para uma forma de estar com o outro, o contato gerado pela entrevista pode até mesmo se aproximar do chamado “impulso de sociabilidade” proposto por Georg Simmel, no qual a satisfação de um instante sociável “se

³ Pra ficar em alguns exemplos só de pesquisadores do cenário nacional que se utilizaram nos últimos anos do quadro apresentado por Morin, há os trabalhos de André Mazini (2010), Beatriz Marroco (2007, 2008a, 2008b), Camila Mozzini e Ana Taís Barros (2010), Cleuza Maria Bueno (2002), Emmanuel Fornazari e Carlos Souza (2010), Marta Maia (2006) e Regiane Santos (2010).

desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação [sic] como valor e como felicidade” (SIMMEL, 2006, p.64).

Assim, sendo o universo das entrevistas mais complexo do que aparentemente soa, cabe então oferecer categorias de análise que dêem conta de apreender as nuances das relações estabelecidas neste espaço. Edgar Morin se empenha neste objetivo em suas reflexões, abordando os meios de comunicação no capítulo intitulado *A entrevista na radio-televisão e no cinema*. Contrapondo a todo o momento as entrevistas realizadas neste com as das Ciências Humanas para distinguir elementos particulares entre ambas, o autor irá criticar os *media* por sua espetacularização excessiva, lugar em que frivolidades e anedotas assumem o palco dominado por entrevistadores muitas vezes exibicionistas que, não ancorados por nenhum método específico, articulam uma gama de mecanismos para se dirigir ao outro enaltecendo sua personalidade narcísica. Mas Edgar Morin não é inteiramente pessimista em seu panorama, afirmando que também há, em meio à falsa comunicação e à comunicação imaginada, caminhos obscuros nos quais jazem ricos espectros para uma troca efetiva. Para ele, compete ao “dialogante” provocar situações que estimulem o outro (sem esquecer-se de escutá-lo) a sair de si mesmo numa ação dialética libertadora. Num mundo dilacerado por trocas incipientes de significado simbólico, com mediadores limitados por pressões econômicas e políticas, “desmanchar a comédia, rasgar a máscara, arrancar o entrevistado da sua reserva, forçá-lo nas suas trincheiras, ora, pelo contrario, deixá-lo falar e calar-se” (MORIN, 1973, p.13) pode ser a trilha promissora para o florescimento de uma sociedade mais disposta ao reconhecimento da alteridade.

É neste tom que Edgar Morin irá apresentar sua tipologia dos modos de entrevista consagrados no lócus da comunicação de massa. Os dois primeiros tipos, concernentes àquela relação esvaziada de significado, são os das “entrevistas-rito” e das “entrevistas anedóticas”, nas quais o entrevistado ou serve como ilustração de um tema ou como motivo de chiste. Do outro lado da ponte, situam-se as “entrevistas dialógicas” e as “neoconfissões”, nas quais as predisposições dos realizadores cedem espaço para um encontro significativo, em que, no extremo, capta-se uma confissão dotada de uma inigualável profundidade.

Aproveitando-se das divisões elaboradas por Edgar Morin, Cremilda Medina (1995), irá expandir suas definições em subclassificações que servirão para abarcar principalmente as configurações do fazer jornalístico contemporâneo. Considerando a possibilidade do diálogo também como um esforço por parte do repórter de abandonar o

comodismo das fontes habituadas e dos contatos empregados como ilustrações críveis de um mundo social já modelado pelos rumos da pauta e do *timing* profissional, Cremilda Medina irá investir num jornalismo que, ainda que atento para suas determinações de *habitus*, não se deixe levar pelo autoritarismo e reconheça o outro como nascente de um rio potencialmente dialógico, ansioso em aflorar comportamentos, valores – a concretização do perfil humanizado que visa à comunicação coletiva.

As complementações de Cremilda Medina ao mapa de Edgar Morin atualizam as duas frentes organizadas pelo autor, oferecendo aos gêneros globais de espetacularização (rito e anedótico) e de aprofundamento (dialógico e neoconfessional), linhas menores que esquadrinham os perfis construídos na entrevista: numa ponta, os pitorescos, inusitados, condenativos e de ironia intelectualizada; na outra, as entrevistas conceituais, de enquete, investigativas, de confrontação e os perfis humanizados (MEDINA, 1995, pp.16-7).

Com este sucinto apanhado das perspectivas teóricas sobre entrevista dos dois autores, o trabalho que aqui será empreendido se dará da seguinte maneira: 1) definir o diálogo idealizado em suas obras enquanto fio de uma trama comunicativa que amplia o lastro de ação de conteúdos verbais para uma rede de sentidos expressos simbolicamente, tendo o “pôr em comum” como elemento-chave; 2) assim, visando elucidar configurações da comunicação explorada na entrevista, lançar-se mão de uma cadeia de cinco axiomas da pragmática comunicativa elaborados por Paul Watzlawick (1993); 3) o próximo passo será esquadrinhar as nuances da experiência social, formulando considerações sobre o *self* na ação conjunta; 4) no segmento final, os dois tópicos anteriores servirão de norte para uma complexificação das tipologias de entrevista de uma matriz relacional.

O “pôr em relação” da comunicação

Nas bases das considerações sobre entrevista nos *media* tanto em Edgar Morin quanto em Cremilda Medina, o solo firme no qual estão ancoradas suas reflexões se conecta a uma noção particular do termo comunicação. Para ambos, somente a consciência da complexidade de sua significação pode servir para a realização idealizada da dialogia no plano da entrevista.

Para os dois autores, o diálogo só se dá com uma transcendência ao burocrático interesse informativo. Logo, a comunicação almejada em suas teorizações visa o “pôr em relação” como artifício central. Como apresenta Luiz Martino (2008), na etimologia

do termo – que surge no vocabulário religioso – *communicatio* sugere “atividade realizada conjuntamente”. A palavra está coligada com a prática de tomar a refeição da noite nos mosteiros que reunia eclesiásticos que viviam isoladamente com os que viviam em comunidade. Mais que comer, o sentido deste encontro era o da própria comunhão que por alguns momentos rompia o isolamento daqueles que viviam na taciturnidade.

Este “sentido original” do termo, que aparece na linguagem francesa na segunda metade do século XIV, sofre notáveis modificações, indo do “participar de uma notícia” do século XVI ao “transmitir doenças” – até alcançar os “vasos comunicantes” do XVIII (WINKIN, 1998, p.22). Na língua inglesa, a trajetória é análoga, e o desenvolvimento dos meios de transporte também no século XVII foi o carro-chefe da abstração geral de comunicação enquanto sinônimo de canais, estradas e ferrovias (WINKIN, 1998, p. 23). O “partilhar”, diacronicamente, torna-se sentido secundário de usos que circulam no limiar do “transmitir”. Assim, no início do XIX, não só vias de transporte são “meios de comunicação”, mas também os primeiros sistemas telegráficos eletromagnéticos, os telefones, mídias... A pluralização da concepção de transferência de um meio para o outro desenha os contornos globais com o início do advento da globalização no final do século XIX e princípio do XX (THOMPSON, 1998, p.137).

Opondo-se claramente a esses usos tecnicistas do termo, Edgar Morin e Cremilda Medina têm em mente que “comunicar-se” é mais que enviar códigos por uma esteira no âmbito da entrevista. Se Edgar Morin afirma que esta visa à comunicação pessoal; Cremilda Medina assegura que, no Jornalismo, o eu-subjetivo do repórter nunca sai de cena, por mais distanciamento que se busque ter com o entrevistado. A comunicação é, então, aqui, compreendida enquanto

processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual etc. Não se trata de fazer uma oposição entre a comunicação verbal e a ‘comunicação não-verbal’: a comunicação é um todo integrado. (WINKIN, 1998, p. 32)

Nesta lógica, pode-se dizer que, por mais que um indivíduo tente (e de algum modo consiga), controlar o grau de sinais de expressividade comunicacional parando de falar, por exemplo, “não pode parar de se comunicar através da linguagem do corpo” (GOFFMAN, 2009, p.45). Como afirmara Ray Birdwhistell (apud WINKIN, 1998, p.14), os sujeitos não fazem a comunicação, mas participam dela.

Axiomas da pragmática da comunicação

Paul Watzalwick, (1993) em seu estudo das possibilidades de distorção da comunicação funcional no comportamento interpessoal direcionados ao setor da psicoterapia, apresenta uma série de cinco axiomas da pragmática da comunicação. Esses axiomas serão extremamente úteis também para avançar nos contornos do intrincado processo comunicativo que envolve a entrevista.

O primeiro deles diz que “é impossível não se comunicar” (WATZALWICK, 1993, p.44). Não há como não se comportar nem se pôr fora do orbe interacional, e mesmo as atitudes mais involuntárias e aparentemente ocultas para os demais que as observam, “encontram-se sempre dentro de quadros de referência” (SILVA, 1998, p.3). Ainda que se comunique o desejo de não-comunicação, a própria demonstração desse anseio é por si só uma forma de se comunicar. É neste plano que na entrevista não é realmente possível dissociar a relevância da presença dos membros participantes no lócus comunicativo, já que o valor do meio relacional é a pedra angular para quaisquer intercâmbios no *everyday life*. Por isso, Cremilda Medina atenta para a amplitude do processo comunicativo, uma “situação psicossocial, de complexidade indiscutível” (MEDINA, 1995, p.29) que não deve ser desconsiderada. É por esta razão que o entrevistador que visa ao diálogo, para a pesquisadora, deve estar atento não só às mensagens verbais do seu entrevistado, mas também ter uma percepção acurada para os ínfimos detalhes de expressões comunicativas, como gestos, olhares e atitudes corporais do entrevistado. Aprofunda-se aí num ponto que dá mote para o segundo axioma de Paul Watzalwick – toda comunicação comporta dois níveis: conteúdo e relação (WATZAKWICK, 1993, p.50).

O conteúdo diz sobre os códigos em si que são trocados no encontro independente de sua veracidade, enquanto a relação cinge sobre a expressão direta ou indireta de algo sobre os interlocutores envolvidos. Esse mecanismo possibilita uma “metacomunicação”, enquadrando as mensagens – como Gregory Bateson já havia apontado (apud WINKIN, 1998, p.45) – e fornecendo instruções para tratar os dados do conteúdo por meio de um contexto. Na relação, há a consciência do eu que se conduz na confirmação da definição da situação e na disposição de outros participantes nela. As mensagens podem então ser interpretadas “quando se identificam os valores colocados, definindo os rumos da conduta dos indivíduos, que se afetam mutuamente” (LANA, 2008, p.7).

Debruçando-se novamente sobre os contornos da entrevista, percebe-se que a base para o contato dialógico proposto por Edgar Morin e Cremilda Medina se dá na atenção (e incentivo) do entrevistador para com as múltiplas afetações configuradas no processo comunicativo. O investimento psicoafetivo na relação estabelecida pode se tornar uma ferramenta eficaz para “compreender o outro”. Porém, ambos os autores frisam o fato que se deve ter para distinguir o ponto em que este investimento não ludibrie os intentos do entrevistador. Se em entrevistas como as ritualísticas e anedóticas o campo emocional clama por atenção mais do que o fito informativo (seja na pronúncia de uma palavra cerimonial dita *hic et nunc* que ilustra o mundo social), não se deve perder de vista que “a entrevista é uma intervenção sempre orientada para uma comunicação de informações” (MORIN, 1973, p.1), ainda que o conteúdo por si só não seja sua essência. No caso jornalístico, para o qual Cremilda Medina se volta, o resgate da energia proveniente do ser humano tomado como fonte de informação (MEDINA, 1995, p.82) se dá no plano mesmo da relação. Mas o diálogo enquanto técnica para compreensão do outro só se cumpre com a ponderação de que, no jornalismo, o escopo é a obtenção de informações (MEDINA, 1995, p.18), ou seja, o conteúdo.

Se o processo comunicativo não se dá somente em nível verbal, envolvendo uma trama complexa de sentidos que se produzem ininterruptamente, e se as dinâmicas relacionais imprimem sentido ao conteúdo enunciado, pode-se dizer que a natureza do envolvimento dos participantes depende claramente da forma como ambos pontuam as sequências de comunicação (WATZALWICK, 1993, p.51). O terceiro axioma da pragmática de Paul Watzalwick (1993) assegura que as pessoas pontuam os acontecimentos de acordo com o seu ponto de vista, gerando uma diferenciação progressiva nos comportamentos assumidos nas relações. Por meio desta diferenciação, os atores podem agir como resposta à ação de outros, tendo a perspectiva de ambos os comportamentos: as condutas são constantemente avaliadas e os sujeitos devem constantemente adaptar seus atos em relação com o que pensam dos outros e de si mesmo (BLUMER, 1980 p.125)

George Mead (1934) já havia explorado este assunto, quando sublinhara que o ajustamento de condutas se efetiva porque o ator social pode absorver o papel do outro na interação: “e é este controle das respostas do indivíduo por ele mesmo, através da tomada do papel do outro, que produz o valor deste tipo de comunicação do ponto de

vista da organização da conduta no grupo”⁴ (MEAD, 1934, p.176). Pelas antecipações às respostas de outros a determinados estímulos por parte dos sujeitos, estes se encontram condicionados a buscar o estímulo virtualmente ideal para colocar em funcionamento as réplicas esperadas (BATESON e RUESH apud LANA, 2008, p. 7). Por meio desse mecanismo, nas práticas comunicativas, as atividades são constantemente avaliadas, tendo sobremaneira caráter promissório (GOFFMAN, 2009, p.12).

Mais uma vez articulando essas questões com as conceituações sobre a entrevista, infere-se que observações sobre a pontuação das sequências de atos comunicativos podem ser deduzidas na sensibilidade do reporte para com a estrutura do encontro. O entrevistador deve ser consciente das etapas de observação mútua (MEDINA, 1995, p.30), oferecendo continuamente estímulos para além do conteúdo verbal que evidenciem ao seu interlocutor que o interesse na relação estabelecida transcende a captação de informações (embora, ao menos no Jornalismo, esta captação seja a finalidade máxima). Se as pessoas andam armadas umas em relação às outras (MEDINA, 1995, p.30) e se o que se instala inicialmente enquanto expectativa interacional para o entrevistado é um bloqueio inibidor – seja por parte da presença do microfone e da câmera (MORIN, 1973, p.14), da própria desconfiança e receio do entrevistado para com a posição do entrevistador ou das convenções mediatizadas de interesse do entrevistador focalizadas em anedotas, ritos ou ilustrações⁵ – para alçar o diálogo, há uma série de habilidades a serem desenvolvidas (imperativas ainda que a empatia entre os interlocutores seja imediata): modulações e interferências no discurso entrevistado advindas de uma atenção do jornalista na sua fala, mergulhos compreensivos e contemplativos, demonstrações de curiosidade... Em suma, estímulos que sirvam para demonstrar que a relação é espontânea, ligada ao campo profissional,

⁴ “It is this control of the response of the individual himself through taking the rôle of the other that leads to the value of this type of communication from the point of view of the organization of the conduct in the group” (MEAD, 1934, p.176).

⁵ A consciência (e antecipação) destas interações convencionais é característica marcante do intercâmbio entre atores sociais na entrevista. Se de um lado Edgar Morin falará dos olímpianos que possuem um sistema notável de bloqueio por já predispor o quê o público quer dele (MORIN, 1973, p.12), Cremilda Medina tocará nas acessíveis fontes oficiais ou detentoras de poder, que sempre carregam as ritualísticas e polidas palavras pronunciadas somente pela autoridade que representam (MEDINA, 1995, p.25), ou no popular “povo fala”, no qual o repórter sai às ruas para “colher” depoimentos das pessoas que servem como ilustração do mundo social (MEDINA, 1995). Como evidenciado por Jean Louis-Comolli (2008) e exemplificado por Consuelo Lins (2008) com o exemplo do filme Babilônia 2000 de Eduardo Coutinho, os entrevistados já dominam esse *hall* de possíveis comportamentos clichês que devem assumir nas entrevistas segundo sua posição social, política, econômica e simbólica na sociedade. Este tema será retomado à *posteriori*.

mas apreciada além dele. A pontuação dos acontecimentos visa ao “desbloqueio” da fonte, que, para Cremilda Medina, perceberá, pela via de complexos sinais, os “fluidos positivos” deste empenho: “o diálogo se dá, sobretudo, no terreno da sensibilidade.” (MEDINA, 1995, p.30)

Nessa matriz, infere-se que a sutileza para o tipo de contato estabelecido numa situação dialógica, quando se fala em entrevista se configura muito a partir da intuição: uma projeção constante de interesse simbólico e um tato para perceber a recepção desta demonstração no desbloqueio do *fazer comunicativo* do entrevistado. A provocação e o ajustamento recíproco, as dinâmicas comportamentais se fazem pelo estímulo gestual (FRANÇA, 2008, p.76), e neste caso, pode-se falar especificamente em uma “conversação de gestos” vertidos em “interação simbólica”. Dissociados da idéia de código digital exposta no quarto axioma de Paul Watzlawick (1993), essas influências mútuas se prefiguram analogicamente, de um ponto de vista mais afetivo e subjetivo.

George Mead (1934) irá diferir o estímulo-resposta das cadeias de gestos animais dos símbolos comuns compartilhados pelos humanos, que agem conforme experiências de conteúdo semelhante para indivíduos diferentes – gestos, que para Ray Birdwhistell (apud WINKIN, 1998, p.78), se integram num sistema interacional de vias múltiplas. Na consciência das significações destas ações, a afetação se dá não somente no outro para o qual se dirige, mas igualmente naquele que o produz (FRANÇA, 2008, p.78). Há então uma adaptação mútua nas tessituras desta conversação simbólica, “envolvendo, desta forma, a absorção, por cada um dos indivíduos integrados, as atitudes de outros em relação a si mesmo” (MEAD, 1934, p.31)⁶.

Por esta razão, Cremilda Medina pode assegurar que, primeiramente, o entrevistador deve investir em sua própria personalidade, “para saber atuar numa inter-relação criadora” (MEDINA, 1995, p.10), bem como Edgar Morin irá disparar: “o entrevistador completo é um polivalente, capaz de ser provocador e ao mesmo tempo auditor” (MORIN, 1973, p.13). Porém, da mesma forma que conteúdo/relação não devem ser pensados em contraposição, o mesmo caso se aplica ao digital/analógico. Na interação, ambos são permanentemente combinados e traduzidos um no outro metalinguisticamente.

⁶ “Involving, as it does, the taking, by each of the individuals carrying it on, of the attitudes of the others toward himself” (MEAD, 1934, p.31)

Cabe aqui um adendo: em contextos de mediação distintos, as composições dos comportamentos dos atores e seus controles de expressividade estão ligados às peculiaridades da situação. Como John Thompson (1998) irá desenvolver em seu raciocínio, há três tipos de interação idealmente possíveis que se cruzam no cotidiano: a face-a-face, a mediada e a de quase interação-mediada.

Na primeira delas, os participantes se situam no mesmo lugar e espaço, dialogicamente escrevendo uma ação conjunta. No face-a-face, o controle da pontuação rítmica e a sondagem dos gestos significativos se dá simultaneamente de forma sinestésica. Já o contato mediado - efetivado por telefone, por exemplo - implica a não presença física dos co-participantes num mesmo ambiente, ou seja, o governo e a expressão de determinados estímulos e gestos significativos terá como ponto de convergência o som, seja na observação do ambiente ou atenção a modulação de voz do participante. Por fim, a quase-interação mediada não insinua nem presença física nem temporal dos atores: aquele que diz não sabe qual outro e nem quantos outros analisam suas ações, e aquele que o percebe não pode oferecer gestos significativos que sirvam como retroativos às atividades empreendidas.

Toda entrevista nos *media*, pautada por uma sequência de perguntas e respostas, tem no fundo um caráter de quase interação-mediada, já que o fito do entrevistador é menos para o entrevistado em si, do que para aquilo que ele avalia como sendo instigador para sua audiência imaginada. Seu *feedback* público real, pode ser mais ágil em determinados dispositivos e gêneros de programa do que em outros. Uma matéria de jornal tem seu retorno nas cartas, e-mails, telefonemas, enfim, comentários dos ouvintes, enquanto num programa de auditório, o retorno pode vir imediatamente de reações inapropriadas da platéia. O fato de a entrevista ser gravada ou concretizada “ao vivo” também implica certas peculiaridades ao contato, de modo que até mesmo um ensaio anterior à gravação pode ser arranjado para evitar improvisações, bem como a presença física ou não de determinadas ferramentas, como Edgar Morin (1973) apontou no caso do microfone.

O último axioma proposto por Paul Watzlawick sugere que “todas as permutas comunicacionais ou são simétricas ou são complementares, segundo se baseiam na igualdade ou na diferença” (WATZLAWICK, 1993, p.64). Esse aforismo implica, como já havia refletido Erving Goffman (2009) ao falar regulações envolvidas que governam os envoltivos mantidos em uma situação social em consideração pelo ajuntamento, (como frouxidão ou firmeza da apresentação pessoal do indivíduo em relação aos seus

interlocutores) que, numa ocasião complementar, um parceiro não impõe uma complementaridade ao outro, mas, sim, comporta-se de modo a antever que suas ações simbólicas já sirvam de estímulos a pontuar a interação estabelecida na ocasião, fornecendo conjuntamente razões que justifiquem a definição da circunstância (WATZALWICK, 1993, p.63).

O regime de complementaridade define distintas atividades aos membros de determinadas situações, posições superiores de dominância simbólica e inferiores de submissão. As diferenças são ampliadas e as semelhanças postas distantes do lastro principal de ação. Já a simetria relacional implica uma aproximação das afinidades e um distanciamento das divergências. As hierarquias consagradas que se realizam no espaço cotidiano se tornam ao máximo possível comprimidas, em prol de uma elucidação da igualdade.

Essas duas instâncias de interação, percorridas em meio das tipologias de entrevista, invadem os quadros de Edgar Morin e Cremilda Medina, tanto no vértice da espetacularização, quanto no do aprofundamento (dialogia). É tautológico dizer que tanto nos programas de *mass media* quanto no campo jornalístico, as posições de poder das fontes com os entrevistadores de algum modo implicam uma modelação mais ou menos estabelecida do tipo de contato que pode vir a ser constituído. O reconhecimento dos papéis discrepantes assumidos na interação é implícito. Por si só, o microfone, a câmera e outros dispositivos em consonância com a expressividade e postura do repórter e da empresa para o qual trabalha já limitam para os participantes os tipos de intercâmbio possíveis. Mas, numa complementaridade mais rígida, os inter-agentes podem ter consciência que a desconfirmação do eu do outro é decisiva. Se por um lado há os entrevistados vedetas, olímpicos (MORIN, 1973, p.12) ou detentores de grande crédito enquanto possuidores de prestígio oficial, por outro há os entrevistadores autoritários, que se exibem ou como detentores da informação (MEDINA, 1995, p.37), ou ainda na condição de dominância simbólica na interação (MORIN, 1973, p.13).

Estas marcas imprimem sentidos e oferecem estímulos para que os atores sociais saibam o que se espera que eles venham a falar e o modo como devem se apresentar - em termos goffmianos, seria o equivalente ao falar de um alinhamento solicitado (GOFFMAN, 2002). Porém, muitas das virtuais capacidades dialógicas da entrevista, para os autores, estão cristalizadas numa comunicação que se faça simetricamente, entre

sujeitos, e não entre posições⁷. No rompimento das barreiras do outro, para Cremilda Medina, só a humanização pode aflorar traços da personalidade e escavar o subsolo do eu (MEDINA, 1995, p.51), tecendo a dialética da comunicação com o outro, feita no si a si (MORIN, 1973, p.16).

A ação conjunta na experiência social

Já foi dito de outra forma que as reações de um participante ao comportamento de outro, seus efeitos e a repercussão disso nas atitudes do primeiro controlam “à intensidade dos envoltórios, sua distribuição entre possíveis atividades principais e laterais, e, significativamente, sua tendência a trazê-lo para um engajamento com todos, algum ou nenhum dos presentes” (GOFFMAN, 2009, p.209). Estas configurações da interação se aplicam a quaisquer facetas das performances cotidianas. Não há como escapar do encaixe em representações numa vida coletiva e institucionalizada. Os papéis sociais estão rotinizados e assumidos por sujeitos *em ação* dentro de esquemas mais ou menos tradicionais, esquemas estes que estão sedimentados em estoques compartilhados de conhecimento (BERGER e LUCKMAN, 2003). Georg Simmel (2006, p.21) já assegurara isso quando propunha que a produção de fenômenos através da vida social se daria em uma ala pela sucessão das gerações, cujas tradições se adeririam às características individuais, moldando o ser social – ser este que é sempre herdeiro. Os sujeitos sabem de antemão o que fazer, e como se deve fazer, pelos padrões recorrentes internalizados em seu *self*⁸.

Mas obviamente, isso não implica que, no encadeamento de ações responsável pela coexistência grupal humana, as regras prescindem a ação: ações padronizadas com rotinas estabelecidas potencializam continuamente novas condições problemáticas na vida grupal, pelas quais as regras assentadas não serão satisfatórias para a solução das divergências. Por isso a outra via que Georg Simmel apontara diz sobre a contiguidade de atores sociais agindo uns sobre os outros (SIMMEL, 2006, p.21). O *fazer com* atualiza constantemente os quadros disponíveis de experiência, e o processo social que cria e sustenta as regras, não o contrário (BLUMER, 1980, p.135). Destarte, a sociedade

⁷ O que para Morin não significa a rigor uma simetria distorcida, que só acabaria por rejeitar ainda mais a alteridade (como quando o psicoafetivo toma o centro de uma comunicação imaginada).

⁸ O conceito de *self* aqui provém da psicologia social de Mead (1934), que o percebe na intersubjetividade como algo que não nasce com o indivíduo, mas se desenvolve em meio à experiência social.

é um constante *acontecer*, que abrange a ação e o sofrimento a partir do qual os indivíduos modificam reciprocamente (SIMMEL, 2006, p.19).

Nesta ótica, cada interação cotidiana, por mais inócua que pareça à primeira vista, carrega uma complexidade própria, e nas trocas diárias que para Edgar Morin são “pontuadas de sorrisos polidos e de risos espasmódicos, solilóquios cruzados entre os quais brota por vezes uma pobre chispa” (MORIN, 1973, p.15), ou seja, permeadas por tensões fracas, instaura-se um leque infundável de práticas inventivas, com tendência à mudança e a uma apropriação criativa (BRETAS, 2006, p.38) – “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 2001, p.184).

A imagem de experiência social dotada de valores e estoques de conhecimento comuns, realizados (e atualizados) na aparente previsibilidade do cotidiano, imbuí que o ator assumia um papel ou uma ação já estabelecido, detentor de uma fachada já pré-moldada, que configura o leque de possibilidades tanto no que concerne às tarefas desempenhadas, quanto no que tange às performances requeridas e disponíveis ao ator (GOFFMAN, 2009, p.34). No processo hermenêutico de interação auto-dirigida (BLUMER, 1980), o sujeito interioriza uma série de comportamentos que se incorporam de algum modo ao seu fazer habitual e até mesmo a sua carreira biográfica (BERGER e LUCKMANN, 2003), compondo o modo como o *self* se vê e age com os outros em relação a ele e ao que acha que os outros esperam dele⁹.

Pois se o *self* se faz hermeneuticamente na experiência social e ajusta a “dimensão da personalidade composta pela consciência que um sujeito tem de si mesmo” (SILVA, 2007, p.85), sua armação é triádica: de contigüidades oficiais, que virtualmente aguardam um indivíduo que possa atualizar as expectativas dos demais da realização de seu papel (ANDACHT, 2004, p.140); dramáticas, de um ator social que encarna da melhor maneira disponível um personagem pré-existente, embora não concretizando as legitimidades do *self* idealizado (ANDACHT, 2004, p.140); e por fim um *reativo*, que emerge na reação destas duas outras forças, suscitando alegria ou frustração para com as atividades desempenhadas.

⁹ George Mead irá cunhar o termo “outro generalizado”, para designar o processo no qual os indivíduos, para a fundamentação de toda a organização da consciência comunitária do *self*, “absorvem a atitude de outros indivíduos. O desenvolvimento deste processo, como eu referi, é ficando dependente da atitude do grupo como distinto daquele de um indivíduo separado” (MEAD, 1934, p.177) / No original traduzido pelos autores: “The development of this process, as I have indicated, is dependent upon getting the attitude of the group as distinct from that of a separate individual getting what I have termed a ‘generalized other’”.

(In)conclusão: Há diálogo possível em entrevistas midiáticas?

A idéia de que a entrevista possa atingir um parâmetro de profundidade que permita realizar um mergulho interior, ou um strip-tease da alma, nos termos de Edgar Morin (1973), também está presente nas ponderações de Cremilda Medina, que, em sua classificação de perfil humanizado, concebe um depoimento verbalizado que tenha descido do seu subsolo, aflorando traços da personalidade, comportamento e valores (MEDINA, 1995, p.51).

Além das verbalizações, como já dito, um gesto significativo por parte do entrevistado pode ser suficiente para que o entrevistador perceba uma perturbação a fachada pessoal assumida pelo sujeito no encontro, desacreditando o papel que esteja sendo desenvolvido no desbloqueio das barreiras inibidoras - nas palavras de Edgar Morin: “um olhar, uma palavra, um grito traem o sentimento sob a pose” (MORIN, 1973, p.11). Aliás, as próprias chaves de desbravamento do sujeito podem partir da técnica do diálogo (MEDINA, 1995, p.13).

Pelas construções teóricas até aqui edificadas, é impossível conceber o diálogo na entrevista como projeção da essência do *eu* desinibido das coerções habituais. E muito menos que esta ilusória essência seja por si só responsável pela humanização do perfilado ou mesmo do interesse do entrevistador, pelo simples fato de ser pretensamente mais pura. O *self* se realiza no encontro segundo esquemas de comportamento mais ou menos rotinizados independente da circunstância¹⁰. Em alguns programas ou noticiários, a entrevista pode vir a ser somente uma etapa no desenvolvimento da pauta, enquanto em outros pode ser seu sustentáculo de edificação.

Na própria noção de senso comum de entrevista nos *media*, a tipificação da figura especializada do entrevistador (seus modos de agir reconhecidos, sua postura, seus interesses), elevada aos estoques compartilhados de conhecimento, antecipa aos entrevistados, tacitamente - e entrelaçando essas experiências mediadas com suas vivências - quais serão os modos de agir solicitados no encontro. O contrário também ocorre com o entrevistador, criando expectativas de intercâmbio profissional com o mundo social a partir do *habitus* de seu olhar especializado - os óculos especiais do

¹⁰ Como assinala Erving Goffman (apud ANDACHT, 2004, p.140), um erro fundamental se cristaliza neste ponto por considerar, que, por detrás das máscaras sociais, há um sujeito puro, desimpedido de exibir seu “verdadeiro eu”. Esta falha deriva de um modelo binário da identidade humana, no qual o *self* seria aquele confinado num corpo que o limita aos encontros por meio do qual se abre, sem tato suficiente para imbuir significados a trocas fugidias que o escapam (SARTRE apud ibidem, p.138)

quais falara Pierre Bourdieu (1997) - para o *everyday life* e para a gama de tipos que residem nele, guiado pelos objetivos de sua pauta, das “políticas empresariais”, da significância de sua carreira, etc.

Debruçando-se no escol das entrevistas tidas como espetacularizantes, jaz um tipo pré-determinado (DIAS, 2010, p.9), que se concretiza, poupando e economizando cognitivamente percepções complexas sobre o outro. No caso de tipos provenientes de identidades sociais (tais quais os que compõem “o povo fala” ou os tipos psicoafetivos que respondem perguntas sobre problemas familiares, de relacionamentos ou ainda os componentes do auditório que sobem ao palco), esse procedimento tende a suscitar um encaixe do outro em esquemas de atuação e apresentação do *self* alinhados para o que se julga como concernente a indivíduos “do seu tipo”. Na outra ponta do mastro, onde imperam os olímpianos, celebridades, ou ainda fontes detentoras de poder, a importância da entrevista pode estar muito menos num fito de conteúdo objetivo do que simbolicamente ritualístico¹¹ A entrevista é uma passo que ilustra o mundo social concebido na pauta, que pode vir a ser potencialmente detentora uma carga psicoafetiva de cunho público.

No momento do encontro, o espaço estará disposto da melhor forma possível, para que a entrevista aconteça conforme o esperado e sem imprevistos que rompam os desígnios confabulados. A atenção do entrevistador pode ser da melhor forma disponível e cumprindo o tempo exigido pela empresa, para evitar que cesuras arrombem a realidade construída para o contato, ou ainda, em não propor perguntas que não se enquadrem naquilo que ele quer que o outro fale. Utopicamente, não deve haver espaços para o repentino.

O entrevistador oferecerá gestos significativos que estimulem uma pontuação adequada da relação voltada ao seu encaminhamento, encadeando as ações do entrevistado (ainda que forçosamente) para que o mesmo se atente para dizer ou fazer algo não conflituoso ou que frustrate as perspectivas da pauta. Tacitamente, o entrevistado deve concordar com este esquema, se alinhando ao repórter num “eu do encontro” dramaturgico, correspondendo aos estímulos e a complementaridade da relação, de modo a acomodar sua representação o mais próximo do virtualmente aguardado (ou pode não o fazer, se a entrevista vir a falhar ou se o sujeito não se enquadrar na moldura destinada a si).

¹¹ Como nos pares arquetípicos: fãs-ídolos, campeões-frases de vitórias, políticos-discursos de apreço à identidade regional, nacional, etc.

Mas qual faceta deste ator social está sendo buscado na entrevista dialógica? As tipificações e as antecipações ao leque de condutas realizáveis são ferramentas que desempenham também um acentuado papel neste modelo de encontro. Porém, as expressões sensíveis advindas do entrevistador ou do entrevistado, podem servir como gestos significativos que visem pontuar a relação e os alinhamentos dos atores para um suposto “enquadre personalizado”, voltado pretensamente para o sujeito enquanto tal. Demonstrando sensivelmente a intenção de “estar com” para além do puro interesse profissional, os agentes podem tender, numa espécie de jogo, a encadear as ações no ato de apresentar uma estima que transcenda os sistemas habituais de entrevista. Do ponto de vista do entrevistado, pode se engajar tacitamente no encontro ofertando expressões afetivas que espera serem de importância para além daquilo que ele imagina que o outro já saiba de si, numa presteza do *self* dramático em se enquadrar o melhor possível numa proposta de atualização das expectativas tanto do encontro em si, quanto na suposta representação que seria convencional desempenhar.

Mas o puro impensado ou inusitado por si só não garante que este processo se legitime. Assim como nas entrevistas espetacularizantes, não são quaisquer imprevisibilidades que são atraentes, mas somente aquelas que virtualmente sejam também do mérito do entrevistador, da empresa para a qual trabalha, e, por fim, daquilo que estes dois últimos acreditem serem também novidades ao estoque comum de conhecimento compartilhado que os espectadores julgam fascinantes.

O “eu do encontro” se realiza dialogicamente num envolvimento tácito a uma pretensa simetria comunicativa, artificializada e simulada na preparação de um cenário apropriado para sua concretização. Entrevistar o outro de uma maneira dialógica não é esquecer os meandros profissionais do contato, mas preparar terreno para que estas finalidades específicas sejam momentaneamente secundárias (embora não necessariamente o sejam) de modo a abrir campo a intercâmbios julgados de interesse comum pelos participantes.

Para finalizar, cabe um reforço: o “eu do encontro”, ainda que numa confissão, não abre as portas para sua alma pura confinada usualmente em falsos jogos representacionais, mas sim para dissonâncias ao pretensamente aguardado de seu “eu” assumido, atualizando o rico espectro do *acontecer* cotidiano.

Referências bibliográficas

ANDACHT, Fernando. A representação do *self* na obra de Goffman: sociosemiótica da identidade. In: GASTALDO, Édison (Org). **Erving Goffman: Desbravador do Cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

BERGER, Peter T., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BLUMER, Herbert. “A natureza do interacionismo simbólico”. In: MORTENSEN, Charles D (Org). **Teoria da Comunicação: Textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera (orgs). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder – A inocência perdida**: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIAS, Fernando N. **Barreiras à Comunicação Humana**. Disponível em: <http://www.sociuslogia.com/artigos/barreira01.htm>. Acesso em 26 de novembro de 2010.

FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex; et. al (Org.). **Comunicação e Interações**. Compós, Sulina, 2008. p. 71-91.

FORNAZARI, Emmanuel e SOUZA, Carlos A. O Sorriso da Esperança: Um livro-reportagem sobre histórias de vida de crianças com Leucemia. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 33, 2010. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul/ Intercom, 2010, p. 1-14.

GOFFMAN, E. “Footing”. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LANA, L. C. Gregory Bateson e o processo comunicativo. Revista Em questão. vol.14, No 2, 2008. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/viewArticle. Acesso em 26 de novembro de 2010.

LINS, Consuelo. **Filmar o real**: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MAIA, Marta R. A história oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. In: **Contracampo - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, p.137-150, 2006.

MARROCO, Beatriz. A linguagem jornalística e as práticas. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 5, 2007. Anais. Aracaju, SE: Universidade Federal de Sergipe/SBPJor, 2007, p. 1-11.

_____. Entrevista jornalística, confissão e as neoconfissões na mídia brasileira. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 6, 2008. Anais. São Paulo, SP: Universidade Metodista de São Paulo / SBPJor, 2008, p. 1-12.

_____. O jornalista, as práticas discursivas e uma nova figura: o produtor. **Revista de Comunicação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v.9, n.17, jul./dez. 2008.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera V. **Teorias da comunicação: escolas, conceitos e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAZINI, André Giulliano. **O uso da descrição e do diálogo aberto na narrativa jornalística: Em busca de um jornalismo (re)humanizado**. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/29/08_-_O_uso_da_descricao_-_Andre.pdf. Acesso em 26 novembro de 2010

MEAD, George H. **Mind, Self and Society**. Chicago: University of Chicago, 1934.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, Edgar. *A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão*. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

MOZZINI, Camila e BARROS, Ana T. Propostas e caminhos que vão além do modelo de objetividade jornalística. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 33, 2010. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul/ Intercom, 2010, p. 1-15.

SANTOS, Regiane. **A humanização da notícia**, 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=603FDS012>. Acesso em: 26 de novembro de 2010.

SILVA, José M. **O cão que não sabia não comunicar: Pragmática da comunicação humana**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/silva-jm-cao-comunicar.html>. Acesso em 26 de novembro de 2010.

SILVA, Paulo V. Goffman, discípulo de Mead? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMS**. Campo Grande: Intermeio, v.13, n.25, p.116-133, jan./jun 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet B. e JACKSON, Don D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WINKIN, Yves. **A Nova comunicação**. Da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papyrus, 1998.